HISTÓRICO

Setor Têxtil

Centro de Memória Bunge

Rua Diogo Moreira, 184 – 5º andar
Pinheiros – São Paulo – SP – Cep: 05423-010
E-mail: centro.memoria@bunge.com / Tel.: 11.3914.0846

Apresentação

1929: Fábrica de Tecidos Tatuapé S.A.

1934: S.A. Moinho Santista Indústrias Gerais – Lanifício

1967: Santista Indústria Têxtil do Nordeste S.A. (Sitene).

1970: Toália Indústria Têxtil

1981: Brasital S.A.

1988: Karibé S.A. Indústria e Comércio

1994: Alpargatas Santista Têxtil (AST).

Um dos maiores complexos têxteis do Brasil nasceu, curiosamente, da necessidade de se vestir produtos e não pessoas. Melhor dizendo: de confeccionar sacos para embalar a produção do Moinho Santista, o moinho de trigo instalado na cidade de Santos (SP), em 1905, primeira empresa do Grupo Bunge no Brasil. A ideia de produzir sacaria ficaria adormecida até a metade dos anos 1920, quando a Bunge colocou um pé na produção têxtil inaugurando sua fábrica na avenida Celso Garcia, bairro do Tatuapé, Zona Leste de São Paulo. Foi um passo certeiro. O negócio se expandiu rapidamente, assim como a planta paulistana, que em 1929 passaria a se chamar **Fábrica de Tecidos Tatuapé S.A.** e se transformaria no marco inicial de um gigantesco negócio. Tão grande, que a história da produção têxtil do Grupo Bunge se confunde com a história do setor no Brasil. Sob a marca *Santista*, a Bunge colocou no mercado os primeiros lençóis industrializados no início dos anos 1950, quando boa parte das famílias brasileiras ainda tinha o costume de adquirir peças feitas artesanalmente, bordadas para compor o enxoval do casamento ou do dia a dia da casa. A chegada e a rápida aceitação dos lençóis *Santista* marcaram a mudança de um hábito arraigado. A Santista Têxtil (como era conhecida a empresa desde o início) também foi pioneira na produção de bobinas de tecido de 1,60 metro de largura (até então elas tinham 0,90 m), o que significou enorme ganho de produção para as confecções nacionais. Em 1956, outra revolução: a Bunge lança tecidos produzidos especialmente para uniformes. Pode parecer incrível, mas, naquela época, boa parte da indústria e do comércio nacional ainda não oferecia uniforme para os seus funcionários. E outro hábito brasileiro mudava graças a um “empurrãozinho” da Bunge. A empresa expandiria seus negócios têxteis para além das fronteiras do Estado de São Paulo e depois do Brasil: em 1967, inauguraria uma das mais modernas fábricas de então, no distrito industrial de Paulista, em Pernambuco; e, nos anos 1990, adquiriria o controle da Grafa S.A., da Argentina, empresa têxtil tradicional do país vizinho. Em 70 anos de atividade, a Bunge produziu matéria-prima para praticamente todos os ramos do setor têxtil. E quando decidiu se retirar dele em 2003, transferindo suas ações da Santista Têxtil para a São Paulo Alpargatas e para o Grupo Camargo Correa, havia ajudado a escrever, como protagonista, um capítulo crucial da história da indústria nacional.

Setor Têxtil

1925 / INÍCIO DE OPERAÇÕES TÊXTEIS DA MOINHO SANTISTA (BUNGE). No início dos anos 1920, o Moinho Santista, em Santos, no litoral paulista, produzia a plena capacidade e precisava cada vez mais de embalagens para acondicionar sua farinha de trigo. A necessidade levou a direção da S.A. Moinho Santista Indústrias Gerais – primeira empresa do Grupo Bunge no Brasil, que à época já controlava também o Moinho Fluminense, o Moinho Porto Alegre, o Moinho Recife e a Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (Sanbra), no Recife (PE) – a decidir pela construção de uma fábrica de sacaria. A obra, iniciada em 1923 na avenida Celso Garcia, bairro do Tatuapé, Zona Leste de São Paulo, levaria cerca de dois anos para ficar pronta, ocuparia 4.200 m2 e contaria com uma vila de casas para os operários. Desde o início, além da sacaria, a fábrica fornecia fios para terceiros. Em 1927, dois anos após sua inauguração, seria acrescido à planta mais um edifício para acomodar novas máquinas: 2.500 fusos, 112 teares, entre outros equipamentos.

26 de agosto de 1925: em carta dirigida ao principal dirigente do Grupo Bunge, Alfredo Hirsch, o executivo e um dos fundadores da Moinho Santista João Ugliengo informa que a fábrica de tecidos da empresa, no bairro do Tatuapé, São Paulo, começa a funcionar regularmente.

A construção da fábrica, iniciada em 1923, chegara a sofrer danos por causa da Revolução de 1924, quando militares da capital paulista se rebelaram em julho daquele ano contra o governo do presidente Arthur Bernardes. Este respondeu bombardeando bairros operários da cidade com aviões da tropa legalista.

1929 / CONSTITUIÇÃO DE PRIMEIRA EMPRESA TÊXTIL DO GRUPO BUNGE. Em 1929, a fábrica ganhava nome e identidade jurídica: **Fábrica de Tecidos Tatuapé S.A.** Com capital inicial de 10 mil contos de réis, a empresa tem como acionista majoritária a S.A. Moinho Santista Indústrias Gerais, do Grupo Bunge. Desde o início, a nova empresa ficaria conhecida pelo nome de Santista Têxtil.

Portaria da Fábrica de Tecidos Tatuapé. Brasil, São Paulo, São Paulo; Autoria não identificada; Acervo Centro de Memória Bunge.

27 de julho de 1929: **Fábrica de Tecidos Tatuapé S.A.** Constituição seria ratificada em Assembléia Geral de 7 de outubro do mesmo ano, já com as providências jurídicas realizadas.

1932 / AQUISIÇÃO DE FÁBRICA DE TECIDOS CAMBUCI. Localizada no bairro do Cambuci, São Paulo, a fábrica contava com conjunto de fiação e tecelagem e outro de lã. Devido à idade avançada do maquinário, a unidade logo seria desativada.

1934 / INÍCIO DE OPERAÇÕES DA UNIDADE BELENZINHO. Uma nova unidade da Santista Têxtil (**Fábrica de Tecidos Tatuapé S.A.**) começaria a ser construída em 1934, no bairro do Belenzinho, Zona Leste de São Paulo, para aproveitar a lã nacional, cuja produção crescia nas regiões fronteiriças do Rio Grande do Sul. Com uma equipe inicial de 650 funcionários, a Fábrica do Belenzinho, como ficou conhecida a nova unidade, foi a primeira fábrica de porte no Brasil a produzir fios de lã de forma sistemática e de primeira qualidade, além de trabalhar também com matérias-primas como poliéster, acrílico e viscose. Sua produção anual chegava aos 4 milhões de metros de tecido para vestuário e cerca de 800 toneladas de fios para tecidos de ponto a mão ou para máquina. E era distribuída sob as marcas *Pervinc, Perlene, Veranello* e *Fios Santista* (para tricô e crochê).

1937 / AQUISIÇÃO DE FÁBRICAS DE TECIDOS EM SÃO BERNARDO DO CAMPO (SP) E EM SANTO ANDRÉ (SP). Assim como a fábrica do Cambuci, na capital paulista, ambas aquisições seriam desfeitas em pouco tempo, devido à modernização do setor têxtil.

Fiação Santista (Fábrica do Belenzinho). Brasil, São Paulo, São Paulo; Autoria não identificada; Acervo Centro de Memória Bunge.

Setor Têxtil

1948 / INÍCIO DE OPERAÇÕES DA UNIDADE OSASCO (SP). Em fins dos anos 1940, o Grupo Bunge decide concentrar esforços na construção de uma nova unidade da Santista T êxtil (**Fábrica de Tecidos Tatuapé S.A.**) em Osasco, na Grande São Paulo. Para tanto, se desfaz de unidades consideradas obsoletas (Cambuci, São Bernardo do Campo e Santo André). A planta de Osasco começa fabricando sacaria. Mas, desde a concepção, essa unidade fora planejada para colocar a produção do grupo em um novo patamar (*ver próximas entradas*).

1952 / LANÇAMENTO DA LINHA DE LENÇÓIS *SANTISTA*. Em 1952, a fábrica passaria a funcionar com capacidade plena, acrescentando novos itens à marca *Santista*: brins, cretones, lençóis e fronhas alvejados, coloridos e estampados, em puro algodão ou feitos de tecido misto. A decisão de industrializar roupa de cama era ousada para a época. O Brasil começava a experimentar um processo mais intenso de modernização nos grandes centros. Mas os usos e costumes não corriam na mesma velocidade. O lençol, por exemplo, era então uma peça da intimidade da família. As noivas ainda costuravam e bordavam as peças do seu enxoval – o lençol obrigatoriamente branco aí incluído. A linha de lençóis *Santista* – composta das marcas *Ouro, Prata e Osasco* – quebrou esse paradigma e em pouco tempo a Bunge assumia a liderança do mercado de itens de cama-mesa-banho industrializados. A fábrica de Osasco contava também com uma linha completa de produção de tecidos para confecção, segmento em que inovaria ao oferecer bobinas com largura de 1,60 metro.

Produção da Santista Têxtil (**Fábrica de Tecidos Tatuapé S.A.**) em meados dos anos 1950.
Números relativos à industrialização de algodão (unidades Tatuapé e Osasco):
* 18.000 tons./ano de algodão
* 5,6 milhões de lençóis/ano
* 4,2 milhões de fronhas/ano
* 1,3 milhão de toalhas/ano
* 1,9 milhão de m/ano de cretone
* 18,5 milhões de m/ano de brins variados
* 1 milhão de m/ano de tecidos industriais
* 7 milhões de m/ano de tecidos para exportação.

1956 / OPERAÇÃO TEMOLCO: ENTRADA NO MERCADO DE TECIDO PARA ROUPAS PROFISSIONAIS (UNIFORMES). O sucesso com os lençóis *Santista* impulsionou a Bunge em mais uma ousadia: o lançamento dos tecidos para a confecção de uniformes. Ousadia porque, na época, boa parte da indústria nacional não oferecia uniforme aos seus funcionários. Para vencer essa resistência, a Bunge organizou uma estratégia de guerra, batizada de "Operação Temolco" (nome formado pelas iniciais de tecido, molde e confecção). A primeira fase da operação consistiu numa grande pesquisa de experiências bem sucedidas no exterior e na importação de modelos de uniformes profissionais. Foram desenvolvidos estudos biométricos para definir uma modelagem adequada ao tipo físico do brasileiro. Depois foram criados moldes e desenvolvida novas técnicas de corte. Isso tudo foi colocado à disposição das confecções credenciadas pela Bunge: a Staroup, a Casa José Silva, a Anta e a Confecções AB, encarregadas de produzir as roupas. Foi feito um teste com os cozinheiros do Othon Place Hotel, então um dos endereços mais luxuosos de São Paulo. Eles usavam um uniforme composto de camiseta e calça rancheira produzidos com os tecidos Sol-a-Sol e Tapé, da Santista Têxtil. Ambos eram confeccionados com brim cardado, o primeiro do gênero no mercado nacional. O lançamento oficial da roupa profissional *Santista* aconteceria na 1ª Convenção Nacional da Industria Confeccionista, em 1958, em São Paulo. Na oportunidade, a Bunge distribuiu um catálogo com 100 modelos de uniforme.

1967 / FUNDAÇÃO DA *SITENE* EM PAULISTA (PE). Em fins dos anos 1960, o Grupo Bunge iniciou a construção da **Santista Indústria Têxtil do Nordeste S.A.**, a Sitene, no distrito industrial de Paulista, em Pernambuco, sua primeira unidade têxtil fora do Estado de São Paulo. Quando foi efetivamente inaugurada, em 1970, a Sitene era uma das fábricas têxteis mais modernas do País, com capacidade produtiva de 1.000 tons./ano de algodão e 1.600 tons./ano de

22 de janeiro de 1967: Constituição da **Santista Indústria Têxtil do Nordeste S.A.** (Sitene).

poliéster. Contava com fiação, tecelagem e acabamento, produzindo um tecido misto que ficaria famoso, o Terbrim. Feito de poliéster e de algodão, era usado na confecção de uniformes e de roupas esportivas.

1970 / AQUISIÇÃO DA TOÁLIA INDÚSTRIA TÊXTIL. Com o objetivo de ampliar o seu portifólio de produtos, o Grupo Bunge assumiu em 21 de novembro de 1970 o controle acionário da Toália, produtora de tecidos felpudos. Logo em seguida, a unidade localizada em João Pessoa, na Paraíba, seria completamente reestruturada, recebendo novas instalações e maquinário. A reinauguração aconteceria em outubro de 1973. A Toália passou a industrializar 2.800 toneladas/ano de algodão, produzindo 4,2 milhões de toalhas de diversos tipos por ano e cerca de 680 mil metros de tecido felpudo. Em 1994, o Grupo Bunge venderia a Divisão Lar (cama, mesa e banho) da Toália para a Artex.

1974 / INAUGURAÇÃO DA UNIDADE DE AMERICANA (SP). A fábrica de Americana colocou em um novo patamar o desempenho da Santista Têxtil (**Fábrica de Tecidos Tatuapé S.A.**). Com 20 mil fusos e 252 teares, aumentou em 25% a capacidade produtiva têxtil do Grupo Bunge. Seu impacto levou à ampliação dos setores de tinturaria e de acabamento da unidade de Osasco (SP), de maneira a absorver o acréscimo de produção de tecidos crus oriundos da nova fábrica. Em 1978 chegaria ao mercado o Índigo Santista, usado na fabricação de jeans, cuja qualidade superava a da concorrência. Com a demanda interna em crescimento e com a intensificação de seu programa de exportação de tecidos, o Grupo Bunge decide ampliar as fábricas de Americana e de Paulista (PE).

1981 / AQUISIÇÃO DA BRASITAL S.A. O Grupo Bunge adquire em 1981 a Brasital S.A, em Salto, cidade do interior paulista, fabricante de fios cardados e penteados de algodão. A unidade de 132.000 m² e cerca de 1.400 funcionários era tradicional na região, pois iniciara suas atividades em 1919.

1988 / AQUISIÇÃO DA KARIBÉ S.A. INDUSTRIA E COMÉRCIO. Na segunda metade dos anos 1980, a demanda por produtos de fibra longa crescia e o Grupo Bunge enfrentava um gargalo: tudo o que era produzido de fibra longa vinha da Unidade Belenzinho, em São Paulo, que operava no limite: produzia então 500 mil metros lineares de tecidos e 2 mil toneladas de fios para tricô, crochê e malharia. A solução foi adquirir a Karibê, um dos maiores fornecedores de fibra longa do mercado nacional. Instalada no município Santa Isabel, a cerca de 50 quilômetros da capital paulista, a unidade fabricava cerca de 230 toneladas/ano de fios. Juntas, a Karibê e a Unidade Belenzinho processavam 1.600 toneladas/ano de fios para tricô e crochê, 3 mil toneladas/ano em malharia e 60 milhões de metros lineares de tecidos. Enquanto a Karibê produzia fios para o inverno, Belenzinho se concentrava nos produtos de verão. Em janeiro de 1995, a Karibê seria vendida para a Paramont Lansul S.A.

1989 / INÍCIO DE OPERAÇÕES DA *SANTISTA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SERGIPE S.A.* (SANSER). O Grupo Bunge investiu cerca de US$ 42 milhões na montagem da **Sanser**, em Aracaju, Sergipe, unidade dedicada ao acabamento de tecidos de algodão e mistos. A fábrica de 22,5 mil metros quadrados funcionaria a plena capacidade a partir de 1990.

Setor Têxtil

No início dos anos 1990, a Santista Têxtil empregava cerca de 14 mil funcionários e somava 9 fábricas, que respondiam por 52% do faturamento global da Corporação Santista:
* Unidade Tatuapé (São Paulo, SP)
* Unidade Belenzinho (São Paulo, SP)
* Unidade Osasco (Osasco, SP)
* Sitene (Paulista, PE)
* Toália (São Paulo, SP)
* Unidade Americana (Americana, SP)
* Brasital (Salto, SP)
* Karibê (Santa Isabel, SP)
* Sanser (Sergipe)
Mas o início da década viria o Grupo Bunge focar seus investimentos em fertilizantes e alimentos e, progressivamente, desfazer-se da área têxtil.

ANOS 1990 / RECONFIGURAÇÃO DO SETOR TÊXTIL DA BUNGE NO BRASIL. Em outubro e novembro de 1992, a Santista Têxtil encerraria as atividades de suas duas unidades pioneiras, nos bairros do Tatuapé e do Belenzinho (esta transferiria sua produção para a Karibê, que três anos mais tarde, em 1995, seria vendida à Paramount Lansul S.A.). Em 1994, a Toália seria vendida para a Artex. Em 1995, seria a vez da fábrica de Osasco ter suas atividades descontinuadas.

1994 / INÍCIO DE NEGÓCIOS ENTRE ALPARGATAS E SANTISTA TÊXTIL. Em 1994, a Santista Têxtil e a divisão têxtil da São Paulo Alpargatas reunem suas unidades de brins e índigo e criam uma das maiores marcas de Denim do mundo, a **Alpargatas-Santista Têxtil** (AST), que nasce como líder do mercado brasileiro.

1995 / AQUISIÇÃO DA GRAFA S.A (ARGENTINA). Em maio de 1995, o Grupo Bunge assume o controle acionário da Grafa, empresa com 70 anos de atuação no mercado têxtil argentino. Dessa forma, o Grupo fortalece e reafirma sua posição de liderança no Mercosul.

ANOS 2000 / NOVA RAZÃO SOCIAL, MODERNIZAÇÃO DAS UNIDADES E NOVOS PRODUTOS. Em abril de 2000, a Alpargatas Santista Têxtil, criada em 1994 com a união da Santista Têxtil e da São Paulo Alpargatas, muda o nome para Santista Têxtil. A composição acionária da empresa permanece a mesma: Grupo Bunge (45%), São Paulo Alpargatas (45%) e Bradesco (10%). Nesse mesmo ano é lançado o Selo Verde, que indica os tecidos fabricados com algodão reciclado. E é anunciado também um plano de ampliação e modernização das unidades fabris. No total seriam investidos cerca de R$ 82 milhões em novos equipamentos, sistemas e processos. O objetivo era ganhar produtividade e lançar tecidos de maior valor agregado.

2003 / BUNGE ENCERRA PARTICIPAÇÃO NO SETOR TÊXTIL. Em 2003, o Grupo Bunge decide concentrar a sua atuação mundial em três áreas complementares – fertilizantes, grãos e oleaginosas – e vende sua participação na Santista Têxtil para o grupo Camargo Correa e para a São Paulo Alpargatas.

Setor Têxtil